

que «envelhecerá» (Marx) ao mesmo tempo que os homens progredirão para a sua humanidade. Porque a ideia de Deus é a exacta correlação das relações sociais alienadas: ela funciona ao mesmo tempo como justificação mítica da ordem estabelecida, e como compensação — *algures* — para aqueles que são — *aqui mesmo* — vítimas dessa ordem. De um modo mais geral, ela é a contrapartida da recusa de nos darmos sem reserva à condição humana, às suas contradições, à sua essencial finitude. O Deus cristão representa excelentemente essa recusa, pois que Ele morre apenas para mostrar que *não pode* morrer: o seu sacrifício não «salva», pois, a humanidade, senão mostrando-lhe como insuportável em si mesma, essa condição mortal que lhe foi dada. É sob este aspecto, sobretudo, que toda a moral que na sua origem não implica uma profissão de ateísmo parece, com efeito, votada à impostura, pois convida os homens a *trair a sua humanidade*, e lhes indica, como condição essencial de salvação, o revelar, antes de mais, a sua própria existência.

Se Deus existe, o caso é que nos não pediu o nosso parecer antes de nos mergulhar neste banho em que estamos. Se tem de facto a intenção e os meios de nos salvar, podemos supor que ainda nesse caso *pode bem* conseguiu-lo ele sozinho. E como se esqueceu de nos informar dos seus planos, não estamos sequer em condições de o ajudar. Mais: arriscamo-nos a todo o momento — por «boa» que seja a nossa intenção — a complicar estupidamente a sua tarefa. A supor ao menos que a nossa agitação, interior e exterior, possa ter a mesma influência ao nível dos seus actos...

Reduzidos assim a uma acção entre os homens, com meios humanos e motivações simplesmente humanas, somos decerto desculpáveis, por ligarmos alguma importância à nossa agitação — e muito particularmente a esse fenómeno específico da nossa presente humanidade: a não coincidência entre o seu aspecto interior, o seu sentido *para nós*, e o seu aspecto exterior, o seu significado *para os outros*. Desta *inadequação do subjectivo e do objectivo*, temos nós, segundo Sartre, uma «*surda sensação*», mas «*passamos a vida a iludir-nos sobre isso*». Ora é este o problema moral por excelência — a transposição, em termos de existência social, do conflito original entre a transcendência e a facticidade. Duas soluções extremas: o martírio de um Bukarine ou a Paixão de um Genet. A aniquilação do subjectivo, o suicídio moral de uma consciência que, subjectivamente inocente, mas acusada de traição

objectiva pelas outras consciências e querendo a todo o custo chegar até elas, se declara absolutamente culpada; ou a escolha da absoluta solidão, a reivindicação, por uma consciência, da monstruosidade que ela é aos olhos de todos, a pretensão, enfim, de ter razão e de representar a objectividade absoluta, da parte de uma subjectividade, à qual todas as outras, no entanto, obstinadamente procuram negar razão. Estamos a ver assim que o *reagrupado* não se reagrupa à sociedade senão suprimindo-se; e que o *opositor* não a contesta senão à custa de se separar de si, pois não poderia ser ao mesmo tempo esse puro sujeito *para si próprio* e esse Objecto culpado *aos olhos de todos*¹.

O que há de infernal no nosso ser-para-outrem, desde que ele nos fascine, é que no exacto momento em que somos tentados, por uma espécie de evidência íntima, a recusá-lo inteiramente, não podemos impedir-nos de nos reconhecer nele por inteiro. «*No fundo de nós próprios, todos nós ocultamos uma rotura escandalosa que, revelada, nos mudaria súbitamente em «objecto de reprovação». Isolados, censurados pelos nossos malogros, sobretudo em circunstâncias menores, nós conhecemos toda a angústia de errar e de não podermos confessar o erro, de ter razão e não podermos dar-nos razão. Oscilamos todos nós entre a tentação de nos preferirmos a tudo (porque a nossa consciência é para nós o centro do mundo) e a de preferirmos tudo à nossa consciência...*»

Acusadores com todos os outros, nós estamos ao mesmo tempo sozinho e acusados por todos. Como a relação social é ambígua e comporta sempre uma parte de malogro, como somos simultaneamente a multidão chinesa que ri e o chinês atarracado que arrastam ao suplício, como cada pensamento divide tanto quanto une, como toda a palavra aproxima pelo que exprime e isola pelo que não diz, como um abismo intransponível separa a certeza subjectiva que temos de nós mesmos e a verdade objectiva que somos para os outros, como não deixamos de julgar-nos culpados, exactamente quando nos sentimos inocentes, como um acontecimento transforma as melhores intenções em vontade criminosa não apenas na História mas até na vida familiar, como não estamos nunca seguros de retrospectivamente nos tornarmos traidores, como fracassamos

¹ Foi bem necessário, como sabemos, que Genet isso tentasse. Mas se isso assim foi, a sua objectividade ficou inoperante e ele não passou de uma vítima constante da sua objectividade.